

20-05-2022

AONDE CHEGAMOS?

Marcos Besserman Vianna

[Coordenador do Departamento de Direitos Humanos,
Saúde e Diversidade Cultural da ENSP/Fiocruz]

Wuhan. Não, não é uma pessoa. Embora alguns nem lembrem mais é uma cidade na China, onde apareceu um vírus misterioso que se propagaria pelo mundo inteiro. Talvez um cruel castigo para os humanos pela exploração desenfreada de outras formas de vida na Terra. A perspectiva da devastação da espécie humana pela crise climática - elevação do nível do mar, redução na oferta de alimentos, diversas consequências sobre a saúde, incêndios florestais, redução da água doce disponível, acidificação dos oceanos - está nos conduzindo à incerteza do preço que será pago por nossos filhos e netos, à possibilidade de que a expectativa de vida dessas gerações será menor que das anteriores e de que riscos inaceitáveis para as futuras gerações já estão criados, incluindo o risco de nos extinguirmos.

A única prova de que existe vida inteligente fora da Terra é que não aparecem aqui nem para pousarem seus discos voadores.

Sabem que estamos condenados a nos extinguirmos.

Não respeitamos direitos humanos fundamentais como os da justiça intergeracional: as gerações futuras devem ter, no mínimo, o mesmo acesso aos meios materiais e sociais necessários para suas vidas que a geração atual possui.

A produção global de alimentos contribui com cerca de um terço das emissões de gases que causam o aquecimento global.

Para evitar perigo ainda maior de mudança climática o mundo precisa reduzir substancialmente o consumo de carne e laticínios até zerar, durante os próximos 15 anos, numa transição progressiva para um sistema alimentar global baseado em vegetais, o que poderia alargar o tempo para as transformações tanto quanto necessárias nos transportes e fontes energéticas.

O uso de animais na produção de alimentos é de longe a tecnologia mais destrutiva da Terra (Patrick Brown).

A produção de proteína animal transformou um terço do nosso planeta em áreas de desmatamento para abrir pastagens e plantar os grãos que viram ração para os animais escravizados.

Converter esse modelo industrial, que utiliza 70% das terras agrícolas para ração de animais, num sistema alimentar baseado em vegetais, no qual necessitaríamos apenas de 7% das terras do nosso planeta, para se efetivar, precisa acontecer do lado de quem produz e de quem consome. A rapidez na transformação dos hábitos e da produção de alimentos é importantíssima.

A cada dia que não estamos fazendo algo a respeito, estamos avançando mais no caminho para danos irreversíveis.

Não podemos mais nos dar o direito de achar que a terra é plana e existe para criarmos monoculturas e pastagens para produzir proteína animal, enriquecendo e privilegiando alguns e deixando mais de um bilhão de pessoas morrendo de fome.

No mundo há duzentos e cinquenta milhões de crianças entre cinco e quatorze anos que trabalham em condições miseráveis, a grande maioria dessas crianças vive nas ruas. No mundo há dois bilhões e oitocentos milhões de pessoas que enfrentam a pobreza, e um bilhão e trezentos milhões de indigentes, bilhões que são figuras sem rosto, mas que são pessoas, como nós, embora muito mais fofas... O problema de buscar a verdade é sempre a dificuldade de poder admiti-la.

Como disse Thomas Hobbes: *O inferno é a verdade vista tarde demais.*

Além das questões ambientais, esses esforços também se baseiam no respeito aos animais. Seja pela compaixão, pela empatia, pela consciência ambiental, pela preocupação social, pela saúde ou por todas as alternativas anteriores, o que importa é que essa transição além de necessária é uma importante ferramenta política, e que os alimentos que botamos no prato são um voto pelo mundo que queremos. Uma das principais deficiências do ser humano é de não ser capaz de pensar em longo prazo, só se preocupar com o que vai acontecer agora, amanhã ou depois, mas não além.

Não nos preocupamos com os efeitos até não termos feito nada e aí, quando estivermos vendo crianças de caneca na mão implorando por água potável é que nos arrependemos de tudo, mas já será tarde.

A hipocrisia do mundo, que prefere não saber como é produzida a comida que consome, nem quanto sangue, quanta morte, quanta crueldade e dor há em cada mordida que saboreia e devora, tem responsabilidade direta sobre a fome e a crise climática. Mas abrir mão da eletricidade barata, da cultura do automóvel, das dietas ricas em proteína de que os ricos do mundo dependem para permanecer magros são demandas obrigatórias. Como disse Edgar Morin *mudar o caminho da humanidade é improvável, mas não é impossível.* A história dos direitos humanos está relacionada à natureza e aos animais, uma vez que a preocupação com os animais decorre historicamente de um conjunto mais amplo de preocupações filantrópicas: preocupação com o destino de crianças e escravos, entre outras. Não somos responsáveis apenas pelo que fazemos, mas também pelo que deixamos fazer.

São nossas ações que decidirão qual será o futuro dos nossos filhos e netos, se poderemos dormir à noite, pensando ao menos que lutamos...

Bem, isso é o que eu queria mostrar, aonde chegamos, mas no país em que as autoridades de saúde alertam que pensar pode ser prejudicial à saúde, essas reflexões talvez não ajudem a salvar vidas.

Sei que muitos de vocês não mudarão seus hábitos e ficarão chateados comigo quando relaciono que o domínio do homem branco, o racismo, a xenofobia, a misoginia, o especismo e tantas outras questões dos direitos humanos estão relacionadas ao que comemos, pois os que mais sofrem com a emergência climática estão sendo e cada vez mais serão os pobres, as crianças, os povos originários, as populações vulnerabilizadas. Sei que desagradei a muitos leitores habituais das minhas colunas, mas como disse Woody Allen: *Alguns casamentos terminam bem e outros duram por toda vida.*

QUAL SERÁ O CAMINHO?

...

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.